



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de inflação no Brasil e nos EUA balizam perspectivas para as taxas de juros

Em semana encurtada por feriado, a agenda doméstica se concentra na divulgação da inflação (IPCA) de setembro, que deve voltar a superar os 5% no acumulado em 12 meses. O índice será conhecido na quarta (11), e deve subir 0,34% no mês, principalmente devido ao aumento dos preços da gasolina e do óleo diesel, em resposta ao recente reajuste autorizado pela Petrobras. Os preços das passagens aéreas também devem pressionar o indicador. Na outra ponta, os alimentos devem seguir em deflação, ajudando a conter o avanço do índice. Em 12 meses, o IPCA deve acelerar de 4,61% para 5,26%, novamente em boa parte explicado pelo efeito-base (exclusão das leituras que contemplaram as desonerações dos combustíveis e energia no 3T22). Mais importante, os agentes seguirão atentos às dinâmicas das medidas mais sensíveis à política monetária, como os núcleos e a inflação de serviços, que devem seguir apresentando acomodação gradual, sem sinalizar uma melhora substancial do cenário inflacionário, reforçando as apostas de manutenção do ritmo de cortes da taxa Selic (em 0,50 pp).

Nova etapa do programa Desenrola Brasil começa hoje (9), com o lançamento da plataforma oficial para os devedores. Destinada à Faixa 1 do programa (pessoas com renda de até 2 salários mínimos, R\$ 2.640, ou inscritas no CadÚnico), a etapa permite renegociar dívidas bancárias e não bancárias (água, luz, telefone, varejo etc.) de até R\$ 5 mil, e pode beneficiar até 32,5 milhões de consumidores com o nome negativado. A expectativa é de que a redução da inadimplência e o maior acesso possam contribuir para uma melhoria do mercado de crédito no final deste semestre e início do próximo.

No cenário internacional, os agentes devem se manter cautelosos em meio ao conflito iniciado no Oriente Médio. Os preços do petróleo já se mostram pressionados, enquanto o dólar ganha força ante as principais moedas. Na Europa, as bolsas abrem mistas, enquanto nos EUA, o mercado de *Treasuries* está fechado devido a um feriado local.

As atenções do mercado também estarão voltadas para as divulgações da ata da última reunião do Fomc e para os dados de inflação (CPI) dos EUA, que devem ajudar a calibrar as apostas para os próximos passos da política monetária no país. A ata do último encontro será divulgada na terça (11), e a expectativa é de que o documento reforce que os próximos movimentos da autoridade seguem em aberto, a depender da evolução dos dados.

Entre os indicadores, destaque para a divulgação da inflação ao consumidor (CPI), na quinta (12), que ganha relevância após os sinais de força do mercado de trabalho (*payroll*) reforçarem a expectativa de juros elevados nos EUA. O mercado espera que o CPI mostre alta de 0,3% em setembro, com os preços ainda pressionados pela recente alta no petróleo, embora com ligeira acomodação em 12 meses, de 3,7% para 3,6%. O núcleo do indicador, que exclui os preços dos alimentos e de energia, também deve subir 0,3% no mês, com alguma acomodação na base anual (de 4,3% para 4,1%). Já a inflação ao produtor (PPI) será divulgada na quarta (11).

Na China, os dados da balança comercial de setembro devem seguir apontando sinais de fraqueza da atividade. Os números serão conhecidos na noite de sexta (13), e o consenso projeta nova queda no comparativo anual, tanto nas exportações (-7,5%) quanto nas importações (-6,0%). Já os dados de inflação (CPI e PPI) serão divulgados na quinta (12), que devem seguir controlados e em níveis baixos, também respondendo à fraqueza da atividade no país.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
11/out	IBGE: IPCA	Set/23	0,34% m/m 5,26% a/a	0,23% m/m 4,61% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
11/out	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Set/23	1,6% a/a	1,6% a/a
11/out	EUA	Ata da última reunião do Fomc/Fed	20/set/23	-	-
12/out	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Set/23	0,3% m/m 3,6% a/a	0,6% m/m 3,7% a/a
12/out	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Set/23	0,2% a/a	0,1% a/a
12/out	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Set/23	-2,4% a/a	-3,0% a/a
13/out	Zona do Euro	Produção Industrial	Ago/23	0,1% m/m	-1,1% m/m
13/out	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Out/23 – prévia	67,0 pts	68,1 pts
13/out	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Set/23	-7,5% a/a -6,0% a/a	-8,8% a/a -7,3% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Indústria se beneficia da fraca base de comparação, mas segue andando de lado

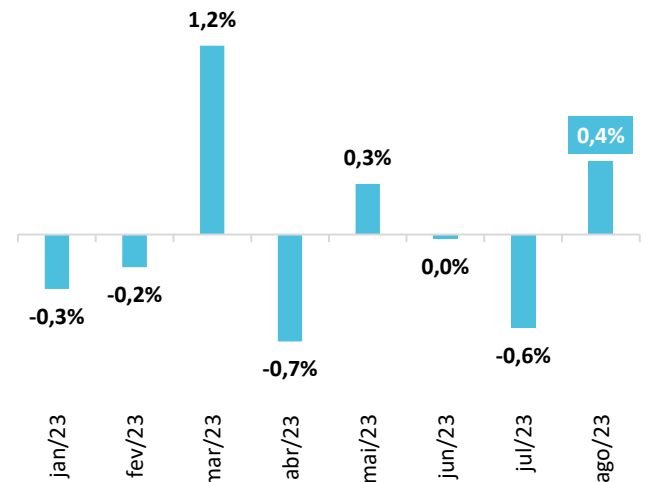
A produção industrial cresceu 0,4% em agosto, eliminando parte da perda observada no mês anterior (-0,6%). O resultado veio um pouco abaixo do esperado pelo mercado (0,5%) e seguiu sem gerar grande entusiasmo, mantendo a trajetória de sobe e desce que deve levar à estagnação do setor no ano.

No mês, o avanço foi disseminado entre 3 das 4 grandes categorias e em 19 dos 25 ramos pesquisados, mas beneficiado pelo fraco desempenho observado nos meses anteriores. Destaque para as intensas altas da produção de bens de capital (+4,3%) e de duráveis (+8,0%), beneficiadas pela retomada da produção de máquinas e equipamentos (+4,2%) e veículos (+5,2%), respectivamente, ambas se recuperando após dois meses seguidos de retração. A produção de bens semi e não duráveis também avançou (+1,0%), impulsionada pela fabricação de produtos alimentícios (+1,0%) e farmacêuticos (+18,6%). A categoria de intermediários foi a única a recuar (-0,3%), puxada pela segunda queda seguida do setor extrativo (-2,7%), que mostra alguma acomodação nos últimos meses, embora se mantendo como o segmento mais dinâmico da indústria no ano.

No geral, a leitura segue apontando um baixo dinamismo da indústria, especialmente do segmento de transformação. A alta de agosto foi beneficiada pela fraca base de comparação, e ainda deixa uma herança estatística de queda de 0,2% no 3º trimestre. Além disso, o resultado não altera a trajetória de oscilação do setor, que segue girando em torno de um mesmo patamar. No caso, a indústria mantém o quadro de estabilidade (-0,1%) na visão acumulada em 12 meses, permanecendo no mesmo nível desde o início do ano. A expectativa é de que a indústria siga andando de lado até o final do ano, pressionada, em especial, pela desaceleração da economia global, política monetária ainda contracionista e problemas estruturais do setor (custo Brasil).

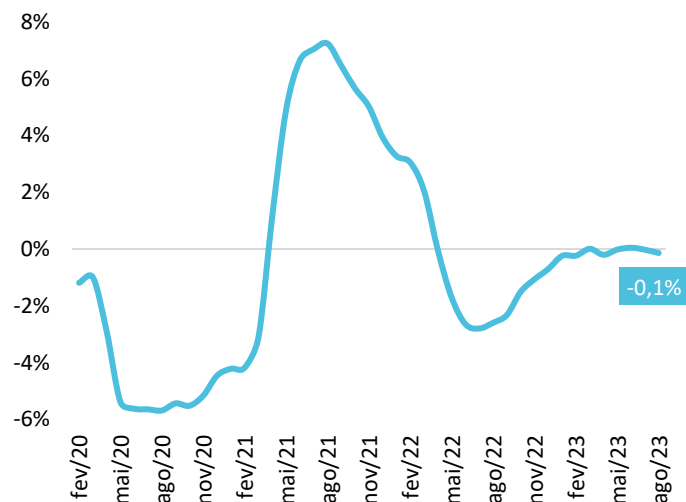
Já os números do setor automotivo, de importante peso para a indústria, mostraram alguma recuperação em setembro, dando sequência à normalização do setor após o incentivo promovido pelo governo. O emplacamento de veículos (Fenabreve), proxy mensal para as vendas internas, cresceu 5,2% ante agosto, enquanto a produção (Anfavea) avançou 2,7%. Na outra ponta, as exportações tiveram o mês mais fraco do ano, com apenas 27,4 mil embarques.

Quadro 1: Produção Industrial – Var. % mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: Produção Industrial – Var.% acumulada em 12 meses



Fonte: Bloomberg

No geral, o programa de descontos e o aquecimento do mercado interno (aumento da ocupação e da massa salarial) contribuíram para impulsionar as vendas no 3º trimestre, que registraram aumento de 13,2%. Por outro lado, os desafios para a venda externa (somada à formação de estoques antecipados em função da medida do governo) comprimiram a produção no trimestre, que recuou 1,7% na margem. Por sinal, diante da fraqueza das exportações, a Anfavea revisou a projeção de produção de veículos deste ano para baixo, passando de 2,2% para 0,1%, o que vai ao encontro com a expectativa de uma indústria estagnada no ano.

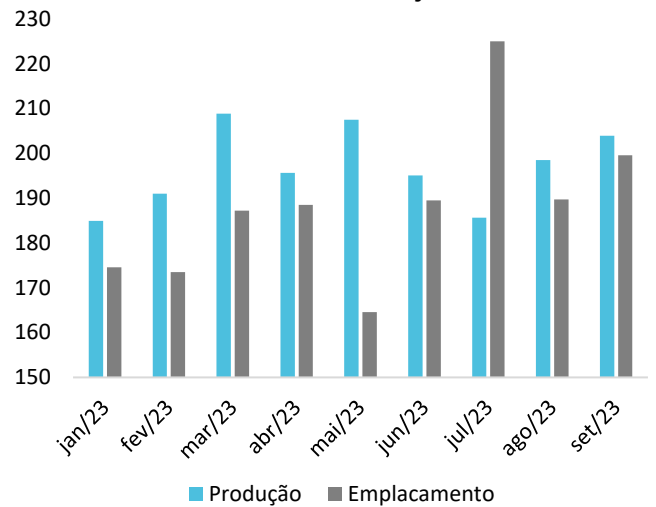
No mercado de trabalho formal, os números seguem em tom positivo, embora em desaceleração. O Caged apontou geração líquida de 220,8 mil vagas em agosto, melhor que o esperado pelo mercado (173,0 mil), mas abaixo do volume criado em ago/22 (288,1 mil). Todos os setores mostraram abertura líquida de vagas no mês, mas também com alguma moderação ante o resultado de ago/22. Já os salários de admissão seguem praticamente estáveis (R\$ 2.037), sem indicar uma pressão salarial relevante.

Com o resultado, o setor formal acumula geração de 1,4 milhão de vagas no ano, abaixo do observado no mesmo período em 2022 (1,9 milhão), puxado especialmente pelo desempenho mais fraco da indústria (-41%), comércio (-34%) e serviços (-27%). Em 12 meses, o saldo acumulado passou de 1,57 para 1,50 milhão de vagas. Em conjunto, ainda que os números mostrem alguma acomodação, o emprego formal se mantém resiliente, contribuindo para sustentar o consumo das famílias.

Em relação à inflação, a FGV informou que o IGP-DI acelerou para 0,45% em setembro (ante 0,05% em agosto), mas mantendo uma dinâmica benigna. A aceleração foi vista nos três componentes, mas especialmente puxada pelos preços no atacado (IPA), que passaram de 0,10% para 0,51%. No caso, a alta foi liderada pelos itens industriais, que aceleraram de 0,35% para 1,52%, impactados pela depreciação cambial do período e pela alta dos combustíveis (reajuste da Petrobras). Na outra ponta, os produtos agrícolas seguiram em deflação (-2,24%), contribuindo para conter o avanço do indicador.

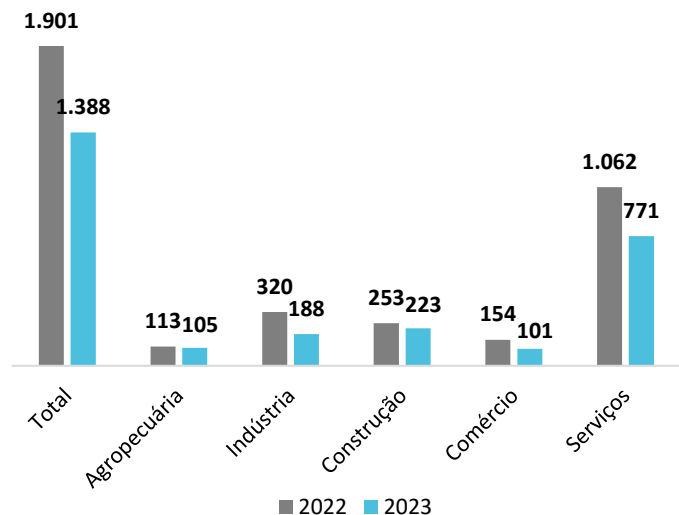
No geral, a leitura ainda é de uma dinâmica benigna dos preços no atacado, embora, agora, com alguma preocupação (de repasse) em função da recente disparada do dólar. Em 12 meses, o índice passou de -6,91% para -5,34%, e a expectativa é de que siga avançando nas próximas leituras, embora feche o ano ainda em deflação, contribuindo para a acomodação dos preços dos bens ao consumidor.

Quadro 3: Produção e Emplacamento de Veículos Em milhares – série com ajuste sazonal



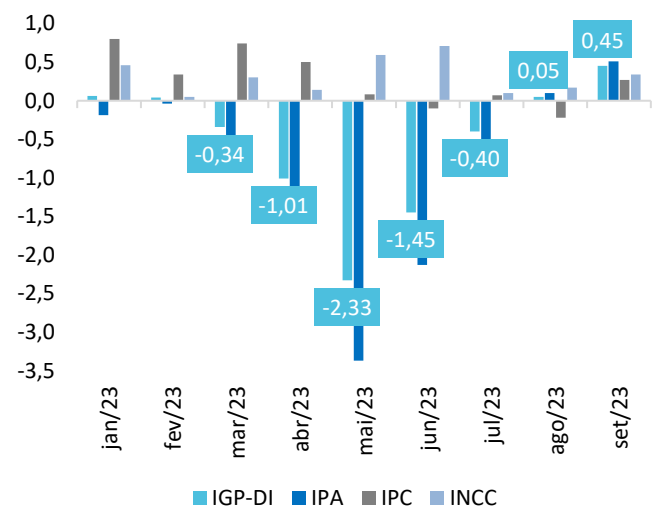
Fonte: Anfavea e Fenabrave. Ajuste sazonal da Febraban

Quadro 4: Geração de Vagas Formais – Acumulado do ano (Jan-Ago) – em milhares



Fonte: Caged

Quadro 5: IGP-DI e Aberturas – Var. % mensal

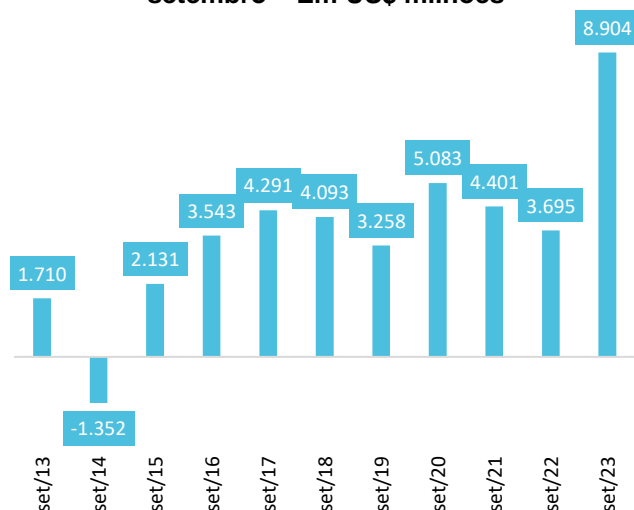


Fonte: FGV

Em relação ao setor externo, a balança comercial registrou superávit de US\$ 8,9 bilhões em setembro, melhor resultado para o mês desde o início da série histórica (1994). O forte desempenho refletiu a alta das exportações (+4,4%) e queda das importações (-17,6%), no comparativo por dia útil (ante set/22). No caso das exportações, o volume (+7,2%) mais do que compensou a queda dos preços, diante do bom desempenho dos setores agro (+22,2%) e extrativo (+14,9%), puxados pela soja (+38,4%) e petróleo (+18,7%), respectivamente. No caso das importações, além dos menores preços, também houve redução do volume (-8,7%), especialmente de petróleo (-44,1%) e fertilizantes (-36,3%), diante da dificuldade do setor industrial.

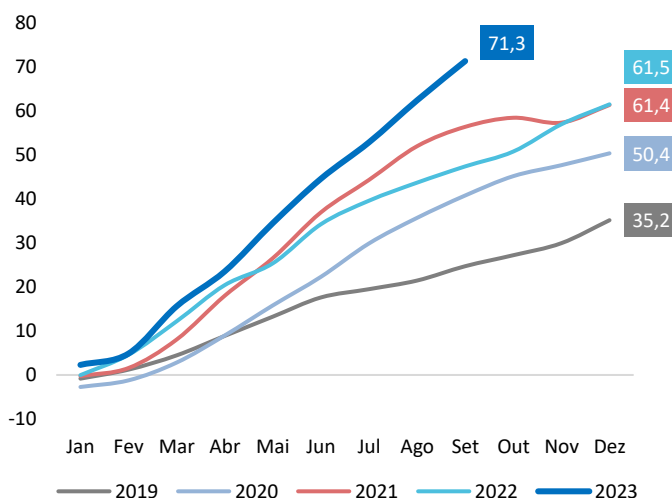
Com o resultado, a balança comercial acumula superávit de US\$ 71,3 bi no ano (US\$ 85,4 bi em 12 meses), e a expectativa é de números positivos nos próximos meses. O volume de importação deve seguir contido (a despeito de algum impacto da recente alta do petróleo nos mercados internacionais), em linha com o cenário esperado de desaceleração da economia, enquanto as exportações devem se manter aquecidas pelas vendas de itens agrícolas, contribuindo para o bom desempenho da balança comercial. Assim, o superávit deve ficar próximo dos US\$ 90 bi em 2023, bem acima do registrado no ano passado (US\$ 61,5 bi), representando um novo recorde anual.

Quadro 6: Saldo Comercial nos meses de setembro – Em US\$ milhões



Fonte: Secex

Quadro 7: Saldo Comercial – Acumulado no ano – em US\$ bilhões



Fonte: Secex

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Payroll forte reforça expectativa de juros elevados nos EUA

A semana foi marcada pelo rali no mercado de juros nos EUA e pela divulgação dos dados do mercado de trabalho (*payroll*) no país. O rendimento das *Treasuries*, especialmente a de longo prazo (10 anos), chegou a atingir seu valor máximo nos últimos 16 anos, de 4,80%, movimento alimentado pela perspectiva de juros mais altos (por período prolongado) e pelo impasse orçamentário, que apesar de ter sido temporariamente solucionado, segue reforçando maior necessidade de financiamento do governo.

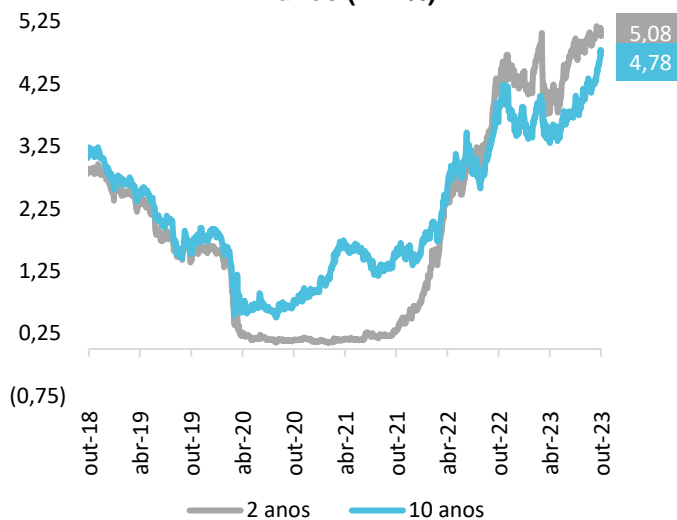
No fechamento da semana, no entanto, houve algum alívio nas *Treasuries*, mesmo com o *payroll* voltando a mostrar a força do mercado de trabalho. Em particular, os números sinalizaram que a atividade americana segue sem dar sinais de uma desaceleração acentuada, o que amplia a probabilidade de uma alta adicional de 0,25 pp da taxa de juros pelo Fed ainda este ano (além da manutenção de juros elevados por um período prolongado).

O *payroll* registrou a criação de 336 mil vagas de trabalho em setembro, bem acima do número esperado pelos agentes (+165 mil) e revertendo o alívio que vinha sendo apresentado nas últimas leituras. Além disso, os resultados de agosto e julho foram revisados para cima, adicionando, no total, 119 mil vagas à leitura recente. Por outro lado, a divulgação também mostrou alguma acomodação dos ganhos salariais/hora (+0,2%, conforme o esperado), que desacelerou de 4,3% em agosto para 4,2% em 12 meses, além de estabilidade na taxa de desemprego, que ficou em 3,8%.

Quanto às expectativas, a leitura final do PMI de setembro trouxe um recuo para o setor de serviços (de 50,5 pts para 50,1 pts), que atingiu o pior nível desde jan/23, em meio à queda na demanda. Já a indústria subiu de 47,9 pts para 49,8 pts, embora mantendo um nível ainda baixo, indicando pouco dinamismo do setor no país.

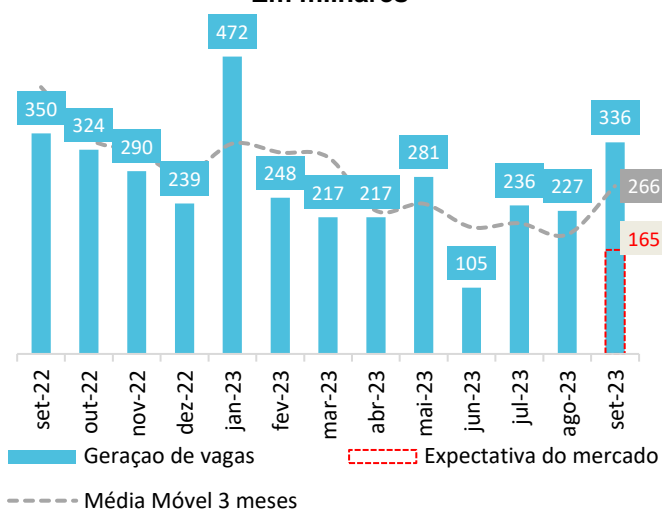
Na Zona do Euro, as leituras finais do PMI de setembro vieram em linha com o esperado e seguiram reforçando o cenário de fragilidade da atividade no continente, com ambos os setores mantendo-se abaixo do nível neutro (50 pts), que indica retração. No caso do setor de serviços, o índice subiu para 48,7 pts (ante 47,9 pts), enquanto na indústria, apresentou ligeira queda (de 43,5 para 43,4 pts), indicando, pela 15ª vez seguida, uma contração da atividade no mês para o setor. Já as vendas no varejo caíram 1,2% em agosto, mais que o esperado (-0,5%), em meio à alta dos preços na região.

Quadro 8: Taxas de Juros das *Treasuries* de 2 a 10 anos (Em %)



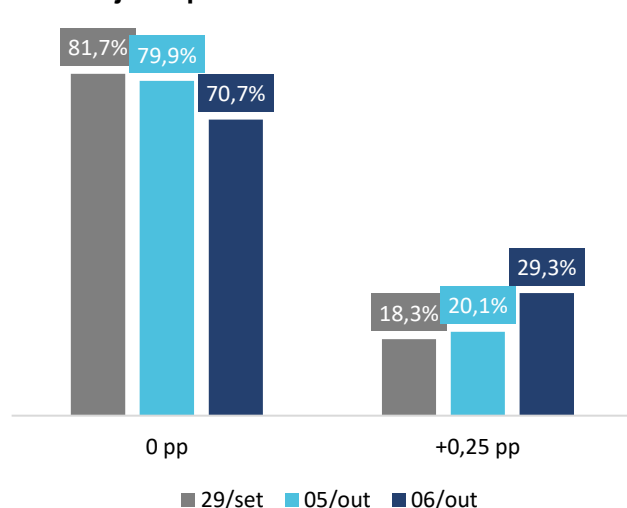
Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: EUA – Geração de Vagas de Emprego Em milhares



Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: Evolução da probabilidade de elevação dos juros pelo Fed na reunião de novembro



Fonte: CME Group.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Projeção para crescimento da carteira de crédito em 2023 se mantém em 7,6%

A Pesquisa Febraban de Economia Bancária, realizada com 18 bancos entre os dias 27 de setembro e 03 de outubro, apontou estabilidade na projeção para o crescimento da carteira total em 2023, se mantendo em 7,6% (ainda acima da expansão esperada pelo BCB, de 7,3%, segundo o RTI de setembro).

A estabilidade ante a pesquisa anterior refletiu uma revisão ligeiramente positiva na carteira livre (de 6,3% para 6,4%) e negativa na carteira direcionada (de 9,3% para 9,2%).

No caso da carteira livre, a revisão foi puxada pelas operações destinadas às empresas, que passaram de 1,7% para 2,3%. Parte dessa melhora reflete a revisão significativa dos dados de antecipação de faturas (incorporação de operações em que credenciadoras e instituições afins antecipam tais recebíveis junto à IFs) feita pelo BCB na Nota de Crédito de agosto, que elevou os números da carteira Livre PJ de maneira notável. Na outra direção, a projeção da carteira destinada às famílias passou de 9,8% para 9,1%.

Em relação à carteira direcionada, a revisão para baixo foi puxada pelo crédito PF, que passou de 10,6% para 10,2%, embora ainda

sinalizando um bom ritmo de expansão, impulsionada pelo forte desempenho do crédito rural (que se beneficia do aumento do tamanho do Plano Safra 2023/24). No crédito direcionado às empresas, a projeção subiu de 7,2% para 7,3%.

Quanto à taxa de inadimplência da carteira Livre, a Pesquisa capturou estabilidade nas projeções tanto para 2023 quanto para 2024, mantendo-se em 4,9% e 4,5%, respectivamente. As projeções indicam estabilidade em relação ao nível atual do indicador (4,9% em ago/23), reforçando o entendimento de que a trajetória de alta da inadimplência pode ter chegado ao fim (a despeito de alguma divergência entre os segmentos PF e PJ).

Para 2024, a projeção da carteira total foi novamente revisada para cima, de 7,9% para 8,1%. A alta foi puxada pela carteira com recursos direcionados (de 6,9% para 7,8%), enquanto a expectativa da carteira com recursos livres mostrou ligeira acomodação, de 8,6% para 8,4%.

O Quadro 11 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual, comparando os resultados com o obtido na pesquisa anterior, realizada em agosto.

Quadro 11: Projeções para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2023		2024	
	Pesquisa Ago/23	Pesquisa Set/23	Pesquisa Ago/23	Pesquisa Set/23
Carteira Total (var. % – total do SFN)	7,6	7,6	7,9	8,1
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	6,3	6,4	8,6	8,4
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	1,7	2,3	7,7	7,7
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,8	9,1	8,8	8,9
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	9,3	9,2	6,9	7,8
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	7,2	7,3	6,9	7,4
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	10,6	10,2	6,9	7,9
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	4,9	4,9	4,5	4,5

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

* Nem todas as IFs imputam projeções para todas as aberturas, fato que pode causar alguma discrepância entre a projeção para o crédito total e suas aberturas.

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

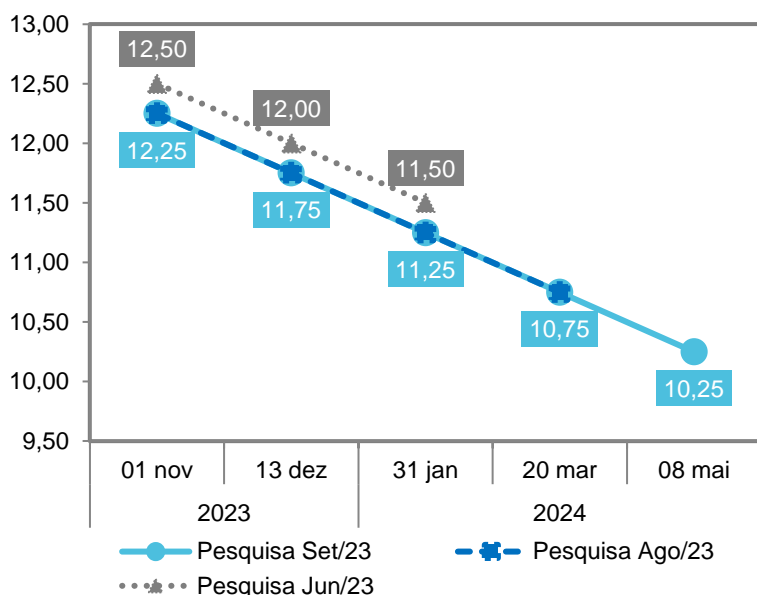
Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa Febraban de Expectativas foram:

- Todos os participantes entenderam como adequada a sinalização do Copom de manutenção do ritmo de cortes da Selic em 0,50 pp nas próximas reuniões. O entendimento é de que não foram observadas alterações relevantes no cenário que justificariam uma intensificação do ritmo de ajuste.
- Assim, a expectativa (mediana) é que o ritmo de cortes permaneça em 0,50 pp nas próximas reuniões, com a Selic encerrando o ano em 11,75% aa (e seguindo neste mesmo ritmo até pelo menos maio de 2024, quando chegaria em 10,25% aa).
- Quanto à taxa terminal da Selic, os participantes se mostram divididos. Uma proporção igual (de 38,9%) acredita que a taxa Selic se situará em 9,0% aa ou acima desse patamar ao final do ciclo, enquanto uma minoria (22,2%) espera que a taxa terminal fique abaixo de 9,0% aa.
- Em relação à atividade, a maior parte (77,8%) entende que a elevação da renda tem sido o principal fator para a surpresa

positiva do desempenho da economia. Apenas 16,7% atribuiu a surpresa à pujança do setor agro.

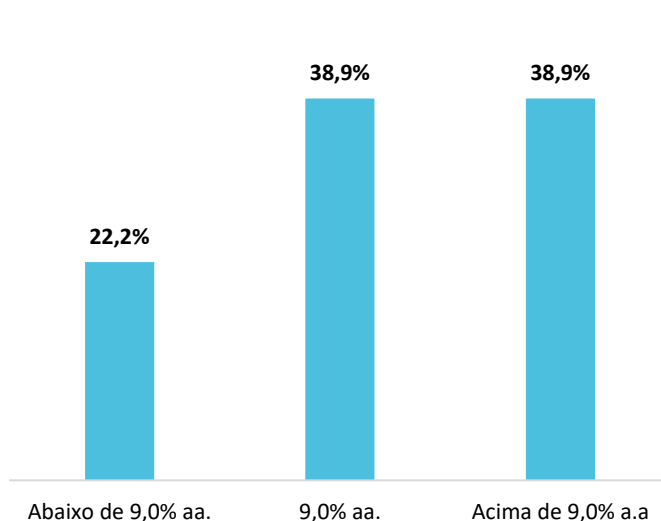
- No âmbito fiscal, metade (50%) dos participantes espera que o resultado primário em 2024 fique em torno de -0,8% do PIB, em linha com a mediana do Boletim Focus e razoavelmente distante da meta de déficit zero estipulada pelo governo. 22,2% esperam um resultado ainda pior, enquanto 27,8% preveem um resultado melhor do que o apontado na mediana.
- No cenário internacional, a expectativa é de que as taxas de juros nos EUA permaneçam elevadas por um período prolongado. O cenário mais aguardado (38,9% dos entrevistados) é de mais uma alta nos juros (0,25 pp) neste ano, sem flexibilização antes do 2º semestre de 2024.
- Quanto ao crédito destinado às empresas, a maioria (56,3%) espera que o ritmo de expansão da carteira se estabilize ao longo do 2º semestre, enquanto alguns participantes (12,5%) preveem ganho de tração devido à melhora do cenário econômico e à queda dos juros.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 12: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 13: Expectativa para a taxa terminal da Selic



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Set/23

CRÉDITO / BANCOS

A caderneta de poupança registrou saída líquida de R\$ 5,8 bilhões em setembro, segundo dados divulgados pelo Banco Central. O resultado reforça os sinais de perda de recursos da modalidade, que registra captação positiva apenas em 3 meses desde o início do ano passado.

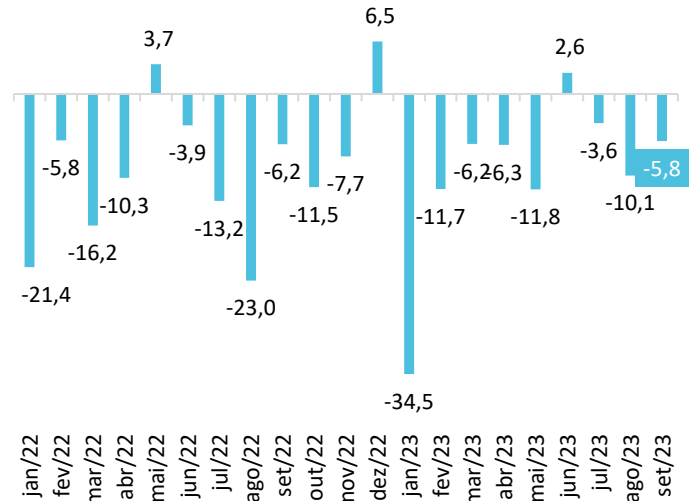
A despeito das sucessivas retiradas, os sinais são de alguma melhora. O valor da saída líquida no mês foi um pouco menor que o observado no mesmo mês do ano anterior (R\$ -6,2 bi, com dados ajustados pelo IPCA), repetindo a menor retirada (relativa) observada dos últimos meses. Assim, as últimas leituras sugerem que o período mais crítico de retirada de recursos da modalidade parece estar chegando ao fim, beneficiado pelo início do ciclo de queda da taxa Selic e pelo mercado de trabalho ainda aquecido. Neste sentido, a retirada líquida soma R\$ 87,7 bi neste ano (acumulado de janeiro a setembro), abaixo dos R\$ 96,7 bi observados no período em 2022.

Com o resultado de setembro, o saldo da poupança caiu para R\$ 968,3 bi, ou 9,2% do PIB, aprofundando a diferença em relação ao pico de dez/20 (13,6% do PIB) e do nível pré-pandemia (11,2% do PIB). Como abordado em informativos anteriores, um dos fatores que explica tal movimento é o elevado patamar da taxa Selic, que aumenta a atratividade de outros investimentos, como os depósitos à prazo (CDBs) e as Letras de Crédito (destaque para as LCAs e LCIs). Neste sentido, cabe destacar o crescimento do estoque (em % do PIB) desses instrumentos (ilustrados no Quadro 15), que aparentam estar ocupando o espaço da poupança. Note que o saldo total das três modalidades atingiu seu pico em dez/20, representando 36,5% do PIB, com a poupança sendo responsável por 13,6%. Agora, em set/23, o saldo conjunto é de 34,2% do PIB, com a poupança representando apenas 9,2%.

Importante destacar que a substituição da caderneta de poupança (de baixo custo) pelos outros instrumentos pressiona o custo de *funding* do setor imobiliário, encarecendo o custo de crédito da modalidade (cuja taxa média atingiu 11,5% aa em agosto). Aqui, a preocupação é com alguma limitação no acesso ao crédito imobiliário.

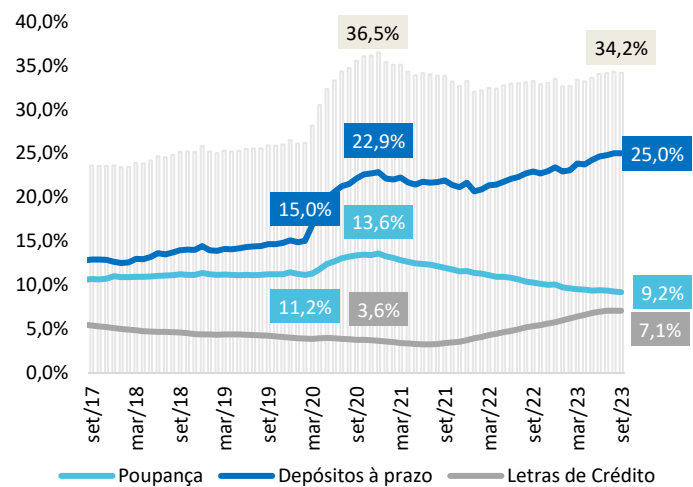
Para os próximos meses, a poupança deve seguir perdendo recursos, uma vez que deve seguir menos atrativa que outros instrumentos. Isso porque, a despeito do início do ciclo de queda da Selic, esta seguirá elevada (expectativa de 11,75% aa no fim de 2023), ainda bastante superior ao retorno oferecido pela caderneta (limitado a 0,5% a.m. + TR).

Quadro 14: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA* de Set/23) – Evolução Mensal



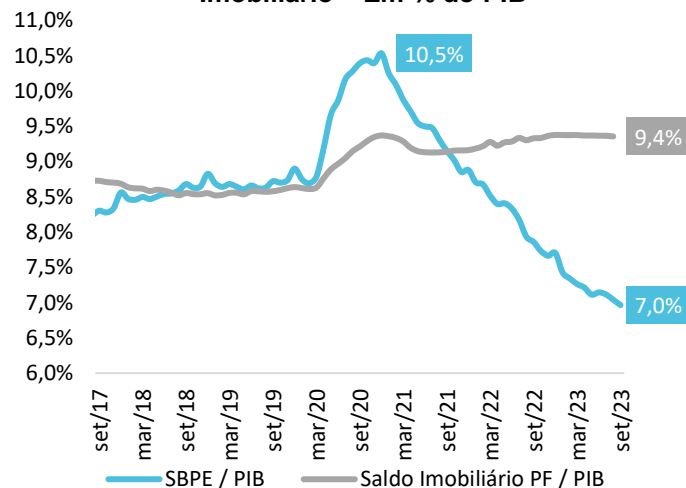
Fonte: Bacen. *Boletim Focus 29/09.

Quadro 15: Saldo da Caderneta de Poupança, Depósitos à prazo e Letras de Crédito - Em % do PIB



Fonte: Bacen.

Quadro 16: Saldo da Poupança SBPE e do crédito Imobiliário - Em % do PIB



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	06/10/23	29/09/23	08/09/23	Viés	06/10/23	29/09/23	08/09/23	Viés
IPCA (%)	4,86	4,86	4,93	↔	3,88	3,87	3,89	▲
PIB (% de crescimento)	2,92	2,92	2,64	↔	1,50	1,50	1,47	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	11,75	11,75	↔	9,00	9,00	9,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,00	4,95	5,00	▲	5,02	5,02	5,02	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	06/10/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,15	2,22%	2,22%	-2,55%	-1,46%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	192,43	2,41%	2,41%	-24,26%	-33,54%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	12,56	-0,71%	-0,71%	-7,99%	-8,04%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,09	0,51%	0,51%	-17,33%	-15,54%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,54	2,45%	2,45%	-8,52%	1,37%
Índice Ibovespa (em pontos)	114.169,63	-2,06%	-2,06%	4,04%	-2,88%
IFNC (setor financeiro)	11.449,11	0,73%	0,73%	11,66%	-2,22%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	22,22%	69,23%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	5,08	0,75%	0,75%	14,81%	19,40%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,80	5,03%	5,03%	23,90%	25,56%
Dollar Index	106,04	-0,12%	-0,12%	2,44%	-5,54%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.308,50	0,48%	0,48%	12,22%	15,06%
Índice de ações de bancos – EUA	87,20	-0,81%	-0,81%	-23,57%	-25,35%
Índice Euro Stoxx 50	4.144,43	-0,72%	-0,72%	9,25%	20,71%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	111,09	-0,68%	-0,68%	15,89%	38,52%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	84,58	-11,26%	-11,26%	-1,55%	-10,42%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira